a se descolarem do preço mínimo. Essa firme adesão viria de uma incerteza dos agentes quanto aos rumos que o mercado deverá tomar àquela época?

A resposta a esta pergunta deve residir do lado da demanda do grão, ou seja, de como se comportará ela no curto e médio prazos e quais as conseqüências que daí advirão sobre as cotações. E, dado que esta demanda se concentra no setor de rações para a avicultura de corte — consumidora de 50% da produção total de rações industriais —, é necessário analisar o comportamento desta última para entender como deverá se desenrolar o consumo de milho na temporada.

Após a estabilidade observada em sua produção de 1996, diante dos 4,2 milhões de toneladas obtidos em 1995, a avicultura brasileira deixou claro ter aprendido que sua sobrevivência depende da sintonia muito fina entre sua oferta, a oferta de outras carnes e a tendência do consumo de proteínas animais. Portanto, ao se voltarem ao mercado do seu principal insumo — o milho —, os avicultores têm cada vez mais desenvolvido a capacidade de imporem seus preços de aquisição de acordo com o preço final da ave pronta para abate compatível com aqueles três fatores.

Para 1997, a previsão da Associação Paulista de Avicultura é de que a produção da carne cresça 3,5% sobre a do ano passado. No entanto, até o momento os criadores mantêm-se na defensiva, já que a estabilidade da produção em 1996 não foi suficiente para lhes garantir os preços desejados. Isso sugere que uma eventual reversão daquele percentual para um patamar inferior não pode ser descartada.

Em outras palavras, como ainda não se dispõe de suficientes elementos perspectivos da demanda para poder traçar os determinantes da comercialização do cereal, isto vem-se refletindo nos preços futuros do milho para março e maio. Vale lembrar também que, como hoje ainda é totalmente impossível definir a tendência do plantio da safrinha, este fato vem atuando como coadjuvante na preferência do mercado em usar o preço mínimo como referência para o mercado futuro em julho, mês de intervalo entre a primeira e a segunda safras.

IRENE RAGUENET TROCCOLI
EDGAR COSTA FILHO
ROGÉRIO FERREIRA DE SOUZA

CAFÉ

Indicador de competitividade
Café brasileiro exporta menos

No decorrer de janeiro, a competitividade do arábica brasileiro continuou a apresentar uma deterioração, conforme revelado pelo movimento do indicador de competitividade, de 0,827 para 0,961.
Se utilizarmos a estimativa de participação do café arábica brasileiro no total das exportações mundiais de acordo com a fórmula[1] $P = 13.557^{C\ -0,841}$ *e utilizarmos para o indicador de competitividade o valor médio de janeiro (0,917), teremos uma participação de aproximadamente apenas 14,5% do mercado mundial.*

Com essa participação, e considerando uma exportação mundial de café para 1997 em 74 milhões de sacas, a exportação brasileira de café arábica seria da ordem de 11 milhões de sacas. Essa quantidade, apesar de mínima em relação à participação histórica brasileira, é compatível com as atuais estimativas do mercado para a safra 1997/98.

Data	Indicador 'B'	Indicador 'W'	Indicador 'R'	Indicador de competitividade
3-1	111,25	121,79	60,77	0,827
6-1	110,25	119,88	59,75	0,840
7-1	116,25	124,63	60,50	0,869
8-1	116,00	124,89	63,51	0,855
9-1	117,75	124,71	64,44	0,885
10-1	118,00	124,93	64,51	0,885
13-1	117,50	124,13	63,12	0,891
14-1	122,75	127,83	63,63	0,921
15-1	124,00	128,18	63,97	0,935
16-1	124,50	128,90	64,52	0,932
17-1	125,50	130,02	65,71	0,930
20-1	130,00	134,36	66,80	0,935
21-1	130,00	135,06	70,04	0,922
22-1	136,25	140,29	74,13	0,939
23-1	142,00	144,83	75,28	0,959
24-1	139,00	141,94	73,51	0,957
27-1	139,00	141,53	71,46	0,964
28-1	140,50	144,30	70,87	0,948
29-1	145,00	148,82	74,86	0,948
30-1	142,00	145,53	73,30	0,951
31-1	141,00	143,77	72,36	0,961
Média	128,02	133,35	67,48	0,917

Fonte: Organização Internacional do Café (OIC).
Indicador 'B' — Indicador Brasil e outros arábicas; indicador 'W' — Indicador médio outros suaves; Indicador 'R' — Indicador médio robustas.

LUIZ O. ARARIPE
MANOEL A. C. LAGO

[1] Ver *Agroanalysis*, *17*(2):25. A fórmula é a expressão representativa da curva utilizada no artigo. Na fórmula P = participação do café arábica brasileiro nas exportações mundiais e C = indicador de competitividade.